

A DESCONTINUIDADE DE TRABALHOS DE PESQUISA EM CAVERNAS DURANTE A IDADE MÉDIA NA EUROPA OCIDENTAL, E A SUA RELAÇÃO COM O BLACKOUT MEDIEVAL CAUSADO PELA INQUISIÇÃO

THE DISCONTINUANCE OF RESEARCH WORKS IN CAVES DURING MIDDLE AGE IN WESTERN EUROPE, AND ITS RELATIONSHIP WITH THE MEDIEVAL BLACKOUT CAUSED BY THE INQUISITION

Alexandre José Felizardo

Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR).

Contatos: alejotaefe@hotmail.com; alejotaefe@gmail.com.

Resumo

Este trabalho trata sobre a história de um extenso período da humanidade, em que, praticamente, cessaram as visitas ao ambiente subterrâneo e deixaram de ser escritas menções sobre o mesmo. Não houve praticamente nenhuma produção intelectual sobre o assunto. O objetivo deste trabalho é abordar os motivos e as condições que levaram a tal acontecimento, quanto tempo durou, as consequências para a Espeleologia mundial e, finalmente, como ocorreu o seu término.

Palavras-Chave: *Blackout* medieval; História da Espeleologia; Inquisição; exploração de cavernas na Idade Média; Espeleologia.

Abstract

This article deals with the history of an extensive period of humanity in that virtually ceased the visits to the underground environment and ceased to be wrote any endorsements about the same. There was practically no intelectual production about this subject. The objective of this work is to approach the causes and the conditions that led to this event, how many time it lasted, and the consequences to the world Speleology and, finally, how it ended.

Key-words: *Medieval blackout; History of Speleology; Inquisition; cave exploration on medieval age; Speleology.*

1. INTRODUÇÃO

O período da Idade Média foi delimitado com ênfase em eventos políticos, iniciando com a desintegração do Império Romano do Ocidente, no século V (em 476 d.C.), até o fim do Império Romano do Oriente, com a Queda de Constantinopla, no século XV (em 1453 d.C.)

Embora o primeiro registro de visitação de cavernas encontrado, conforme Forti (2009), seja o da visita do rei assírio Tiglath Pileser III a uma caverna, em 1100 a.C., praticamente, não há mais referências sobre visitas ou registros de pesquisas ou explorações às cavernas do início ao fim da Idade Média, por mais de 1.000 anos. O que explicaria tal fato?

Sabendo-se que é muito antiga a relação de interação entre os seres humanos e as cavernas, é, portanto, algo muito estranho o fato de não serem encontrados registros ou trabalhos referentes ao

carste neste período, ou seja, posteriores à antiguidade e anteriores ao séc. XVI.

Por que motivo é tão difícil encontrar registros de atividades em cavernas durante o período medieval? Até mesmo na Antiguidade, em que não havia métodos científicos e a escrita ainda era relegada a poucos, os relatos eram abundantes.

Seria por dificuldades com relação à escrita ou à impressão? Os egípcios, por exemplo, tinham grande quantidade de registros escritos.

A explicação para isso nos surgiu quase que por acaso, durante os extensos trabalhos de pesquisa para a produção de um livro sobre a História da Espeleologia Mundial, encaixando-se no vazio provocado pela dificuldade de encontrar registros dessa época. Foi quando descobriu-se, no material do curso de Espeleologia da Sociedade Italiana de Espeleologia a ocorrência daquilo que se pode chamar *Blackout* Medieval, conforme Forti (2009),

daí, então, o mistério ficou razoavelmente esclarecido.

2. METODOLOGIA

Foram realizados estudos de natureza exploratória, mediante ampla pesquisa bibliográfica e posteriores análises qualitativas dos dados encontrados.

De posse desse conteúdo foi feita a validação dos mesmos através de comparação com obras existentes e a verificação do encaixe temporal, bem como a verificação de eventuais anacronismos e idiossincrasias.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1 Idade das trevas

Durante o processo de desestruturação do Império Romano do Ocidente, o continente europeu foi gradativamente perdendo o contato com o Oriente e, com isso, a língua grega foi perdendo a importância que tinha, acabando por ser deixada de lado e, por fim, esquecida. Com a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.), o interesse pelo mundo subterrâneo desapareceu quase que completamente (FORTI, 2009).

Desse modo, a Europa Ocidental perdeu o acesso aos tratados originais dos filósofos clássicos, ficando apenas com as versões truncadas, e até “deturpadas”, desse conhecimento que haviam sido traduzidas anteriormente para o latim. É como se, nos dias de hoje, se perdessem quase todos os trabalhos científicos e sobrassem apenas partes dos textos de revistas destinadas ao consumo popular.

Mas o que ou quem teria causado isto? A grande responsabilidade é atribuída à religião cristã que, na época, considerava o subterrâneo como o “reino do diabo”. Desta forma, e por esta razão, por aproximadamente um milênio, só tinham interesse nas cavernas: **os alquimistas, as bruxas, os ladrões**, e como não poderia deixar de ser, os seus habitantes naturais (FORTI, 2009).

Foi como se a humanidade, depois de ter “saído” das cavernas e vivido fora delas por milhares de anos, tivesse voltado a morar nelas, por mais de mil anos, permanecendo em completa escuridão no que se refere à produção científica, divulgação do conhecimento e liberdade religiosa.

Agora fica muito mais fácil entender que, como acontecia na mitologia grega em relação ao

Hades, o temor e a perseguição aos indivíduos que, por ventura, frequentassem o meio subterrâneo passou a ser algo significativo.

A Igreja, como única instituição que não se desintegrou nesse processo, manteve o que restou da força intelectual, especialmente através da vida monástica. Com o início da Idade Média, a ciência na Europa Ocidental passou a receber forte influência da Igreja, que impunha com a sua autoridade sua doutrina como verdade que não podia ser discutida. Foi dado o nome de Escolástica a esta linha de pensamento, que tinha como finalidade principal demonstrar a “verdade da doutrina da Igreja” e, como consequência, a subordinação da razão à fé (Ciência medieval, s/d).

A Europa Ocidental passou por grandes dificuldades que minaram a produção intelectual do continente. O homem das letras desses primeiros séculos era quase sempre um clérigo, para quem o estudo dos conhecimentos naturais era uma pequena parte da escolaridade. Esses estudiosos viviam numa atmosfera que dava prioridade à fé e, geralmente, tinham a mente mais voltada para a “salvação das almas” do que para o questionamento de detalhes da natureza (Ciência medieval, s/d).

Aqueles que desejavam investigar o mundo natural tinham suas opções limitadas pelo esquecimento do idioma grego. Muitos dos estudos tinham que ser feitos com base em informações obtidas de fontes não científicas; eram frequentemente textos com informações incompletas e que traziam sérios problemas de interpretação.

Embora esse período tenha sido rotulado como “Idade das Trevas”, como comumente verifica-se ainda hoje nos livros didáticos do ensino médio, não se pode, no entanto, deixar levar por esta análise parcial desse período que foi tão significativo quanto qualquer outro para os efeitos de construção da História e de análise histórica, ou seja, não podemos ter a ideia errônea de que o período do Medievo não representa nada em termos de desenvolvimento humano, bem como de sua importância na construção histórica do Ocidente.

Deve-se questionar estas abordagens que consagraram a Idade Média como “Idade das Trevas”, para isso pode-se perguntar: O homem medieval teria sido irracional e, desta forma, não teria aproveitado nenhuma referência sobre o direito, formas de governo, experiências sobre economia e cultura que foram experimentadas pelos povos da Antiguidade? Teria vivido completamente alheio a tudo o que representava todo o legado greco-romano?

Pode-se responder facilmente: certamente que não! E isto é comprovado pelos dados presentes nas documentações medievais que sobreviveram ao tempo.

Se por um lado pouco conhecimento foi produzido pela ciência neste período, esse legado abrange avanços na óptica, que logo iriam gerar aparelhos, como: o microscópio e o telescópio. Instrumentos estes que, juntamente com a prensa móvel, todos eles frutos medievais, e que são vistos por muitos como os equipamentos mais importantes já criados para o avanço do conhecimento humano (Ciência medieval, s/d).

3.2 Inquisição

Sabe-se que já existia a Inquisição, que pode ser definida como um conjunto de instituições dedicadas à “supressão da heresia”, havendo perseguição a alguns grupos religiosos que praticavam a adoração de plantas e animais. Pois é justamente neste grupo de adoradores de animais e plantas que poderíamos encontrar os “exploradores de cavernas”, fazendo sentido esta explicação para a ocorrência do *Blackout Medieval* (Ciência medieval, s/d).

Apenas a título de informação, ao contrário do que é comum de se pensar, os tribunais inquisidores eram entidades jurídicas e não tinham forma legal de executar as suas penas. O “condenado” era muitas vezes responsabilizado por uma “crise da fé”, geralmente pestes, terremotos, doenças e miséria social. O resultado da inquisição feita a um réu era entregue às autoridades do Estado para que fosse punido.

As penas variavam desde confisco de bens e perda de liberdade até a pena de morte, muitas vezes na fogueira, método que se tornou famoso, embora existissem outras formas de aplicar a pena.

"As leis existem, mas quem as aplica?"

(Dante Alighieri)

3.3 A transição

Referente ao processo de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, não se pode de forma alguma deixar de mencionar a obra de Dante Alighieri (Figura 1), terminada e publicada pouco antes de sua morte, em 1321, cujo título inicial foi *Comédia*, tendo este sido modificado na edição de 1555 para *Divina Comédia* (Figura 2).



Figura 1 – Dante Alighieri (Fonte:

<http://communio.stblogs.org/Dante%20SBoticelli.jpg>).

Apesar de Dante tratar do *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*, tradicionais referências bíblicas e crenças de origens judaicas, o importante para o trabalho é que se trata de uma viagem pelo interior da Terra, envolvendo seres e locais que têm a ver com os nossos assuntos principais, ou seja, subterrâneo e cavernas. Dante teria feito um estudo detalhado dos locais pelos quais teria passado, bem como a descrição de situações e cenários (ROCHA, s/d).

É interessante como ocorrem semelhanças notáveis com as histórias do Hades grego: Os nomes do rio *Aqueronte*, do barqueiro *Caronte*, além do fato de Dante ter se encontrado no *Limbo* com o poeta *Homero*, escritor da *Ilíada* e *Odisseia*.

O fato de analisar ou não tratar-se de obra de ficção ou poética não é o objetivo. Parece bastante claro que o modelo adotado, referência ao inferno, é influência direta e contundente da realidade em que Dante vivia, com perseguições religiosas e a qualificação do ambiente subterrâneo como o destino dos hereges e dos pecadores, algo que atendia muito bem aos interesses das classes dominantes da época, ou pelo menos que não os

desagradasse, o que, provavelmente, possibilitaria ou viabilizaria a publicação de sua obra.



Figura 2 – A Divina Comédia, de Dante Alighieri
(Fonte:

http://www.sebodomessias.com.br/loja/imagens/produtos/produtos/53156_165.jpg)

Não se quer afirmar com isso que Dante fosse favorável a esses processos, mas que pode ter se utilizado daquela mentalidade para poder contornar as dificuldades que, certamente, enfrentaria ao tentar publicar uma obra que versava sobre o mundo subterrâneo.

Embora não se possa afirmar que se trate de um primeiro trabalho sobre Espeleologia, pode-se dizer que foi ao menos o registro de uma visita ao meio subterrâneo com um guia, no caso, o poeta romano Virgílio.

"No inferno os lugares mais quentes são reservados àqueles que escolheram a neutralidade em tempo de crise."

(Dante Alighieri)

3.3 O Fim do *Blackout* Medieval

A Idade Moderna é um período da História que se destaca por ter sido uma transição por

excelência. Embora possa-se pensar, por exemplo, que os maias ou os chineses já se comportavam como exploradores de cavernas nos detalhes e reentrâncias do calcário das suas regiões, os primeiros trabalhos que verificamos são provenientes da Alemanha, século XV, na região das montanhas Harz (FELIZARDO, 2010, 1. ed., págs. 52, 65)

No século XVI, as explorações subterrâneas começaram, oficialmente, na Áustria, e em meados do século XVII surgiram descrições sobre o *Karst*, nas cavernas da Eslovênia, que podem ser consideradas como precursoras da Espeleologia moderna no sentido que entendemos hoje, ou seja, exploração, registro, descrição, mapeamento, enfim, estudo das cavernas.

No que se refere a visitas turísticas às cavernas, elas iniciaram no século XVIII, quando um grande número de cavernas se tornaram famosas e iniciou-se a organização de visitas turísticas para os locais onde elas se encontram.

As mais famosas e interessantes cavernas daquela época eram: Postojna Cave (Slovênia); Kungur Cave (Figura 3), com registro de abertura a visitantes desde 1750 (Rússia); Antipatros Cave (Grécia); Fingal's Cave (Escócia) e Congo Cave (África do Sul).



Figura 3 – Mapa da Gruta Kungur - Rússia, Ural
(Fonte: FORTI, 2009).

Agora, depois de expostas estas considerações, fica mais fácil entender o motivo pelo qual muitas pessoas, sem ao menos terem tido qualquer contato físico com o ambiente cavernícola, demonstram medo e diversas outras sensações ruins, quando o tema são as cavernas:

Assim para muitas pessoas, o simples fato de escutar a palavra "caverna" é suficiente para provocar sentimentos negativos e, principalmente, claustrofóbicos, com imagens de um mundo sombrio habitado por demônios e outros seres (TRAVASSOS, 2007, p. 62).

E por que alguns nomes que são dados às cavernas remetem àqueles argumentos outrora

utilizados para impedir as pessoas de irem até elas? exemplos (Tabela 1).
 Numa breve pesquisa no CNC, encontramos vários

Tabela 1 – Pesquisa no CNC, em 10 jun. 2011, com os termos: inferno, medo, sombra, diabo, dragão, livosia, enxú, dentre outros que não retornaram resultados.

BA-304	Buraco do Inferno da Lagoa do Cemitério	BA-305	Buraco Inferno da Lagoa do Cemitério II
BA-306	Buraco Inferno da Lagoa do Cemitério	BA-319	Abrigo Buraco do Inferno da Sucupira I
BA-320	Abrigo do Buraco do Inferno da Sucupira II	GO-004	Lapa do Enxú
GO-043	Buraco do Inferno	GO-573	Abrigo do Dragão
MG-095	Buraco do Medo	MG-188	Buraco do Inferno
MG-484	Gruta Capão do Inferno Superior	MG-485	Gruta Capão do Inferno
MG-1829	Abismo Dedo do Dragão	PA-013	Gruta do Inferno
SP-002	Caverna do Diabo	SP-314	Toca do Inferno
SP-548	Gruta Garganta do Diabo	SP-626	Abismo do Medo
SP-674	Abismo Sombra	TO-080	Abismo do Medo
TO-127	Gruta da Livosia (assombrção)		

Embora a quantidade de cavernas nomeadas com estes termos pareça grande, não há porque se preocupar, pois, se forem utilizados termos como “santo” ou “São”, cada um deles retorna duas e quatro páginas de resultados, respectivamente.

4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir que, embora a relação de interação entre os seres humanos e as cavernas seja tão antiga, não se encontrou registros de trabalhos que possam ser considerados científicos, anteriores ao século XVI, notadamente no período medieval.

A partir de então passa-se a encontrar obras de alguns precursores, pesquisadores destemidos que se atreveram a ir para as profundezas da Terra com o propósito claro e bem definido de conhecê-la

melhor e produzir conhecimento para a humanidade, por meio da publicação de seus trabalhos. O fator determinante para que eles fossem ao subterrâneo: a busca do conhecimento espeleológico, entender e explicar os fenômenos cársticos.

Para finalizar, é possível que se tire duas conclusões importantes:

- Em primeiro lugar, o *Blackout Medieval* ocorreu há muitos séculos, no entanto, deixou seus efeitos entranhados nas diversas culturas que receberam forte influência ocidental;
- Em segundo, o período do *Blackout Medieval* durou, aproximadamente, dez séculos, tempo demais na história humana para que possa ser desprezado ou não merecer a devida importância quando de seu estudo.

BIBLIOGRAFIA

- Ciência medieval.** Wikipédia. s/d. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciência_medieval>. Acesso em 08 jun. 2010.
- FELIZARDO, A. J. Cavernas em Foco – Espeleologia Histórica e Cultural Mundial.** 1. ed. São Paulo: Edição do autor, 2010.
- FORTI, P. Introduction To Speleology.** Teaching Resources for Speleology and Karst Societá Speleologica Italiana. 2009. Disponível em: <http://document.speleo.it/index.php?special=changelang&new_lang=english> Acesso em: 27 mai. 2010.
- ROCHA, H. A Divina Comédia.** s/d. Disponível em: <http://www.stelle.com.br/pt/index_comedia.html>. Acesso em: 01 abr. 2010.
- TRAVASSOS, L. E. P.** O carste como pano de fundo nas obras de ficção: dualidade de percepções. **O Carste**, GBPE, v. 19, n. 2, p. 62-69, dez. 2007. Belo Horizonte.